

O PÓS-MODERNO E O CARÁTER ESTÉTICO DAS PERFORMANCES NOS “TRIBALISMOS” COTIDIANOS

THE POSTMODERN AND THE AESTHETIC CHARACTER OF PERFORMANCES IN QUOTIDIAN “TRIBALISMS”

Luis Miguel Barudi de MATOS¹
Dayanne Carolinne de Sá ARTMANN²

RESUMO

Este artigo procura, a partir de uma visão mais ensaística do que rígida, investigar o termo “performance” como análogo ao “tribalismo” pós-moderno de caráter estético. Um pós-moderno que trans-forma (o além da forma) do então positivismo calcado, nos três últimos séculos, em um Projeto da Modernidade. Hoje, ao contrário, já assimilamos, confortavelmente, teorias oriundas de investigações do nosso inconsciente, lá atrás, e do imaginário nos anos 1960. Outro tema de viés pós-moderno são os aspectos formativos de uma vontade, principalmente com o Foucault. Ou, ainda, para corroborar com nossa tese, debruçamo-nos, também, nos hibridismos culturais, em Canclini, entre outros autores mencionados neste trabalho. Consideramos, a título de conclusão, que o performático se dá – em um mundo descontínuo – na paradoxal aglutinação dos indivíduos em torno dos “tribalismos” pós-modernos antes de caráter estético do que ideológico.

PALAVRAS-CHAVE: Performance; Pós-moderno; Imaginário estético; Tribalismos.

ABSTRACT

This article seeks, from an essayistic rather than a rigid view, to investigate the term “performance” as analogous to post-modern “tribalism” of an aesthetic character. A post-modern that transforms (the beyond form) of the ancient positivism based, in the last three centuries, on a Project of Modernity. Today, on the contrary, we already comfortably assimilate theories originating from investigations of our unconscious, back in the day, and of the imaginary in the 1960s. Another theme with a postmodern bias is the formative aspects of a will, especially with Foucault. Or, to corroborate our thesis, we also look into cultural hybridisms, in Canclini, among other authors mentioned in this work. As a conclusion, we consider that the performative takes place – in a discontinuous world – in the paradoxical agglutination of individuals around post-modern “tribalism” with an aesthetic rather than an ideological character.

KEY-WORDS: Performance; Post-modern; Aesthetic imaginary; Tribalisms.

1 Advogado com atuação em Direito Civil e Direito do Consumidor. Presidente da Comissão de Direito do Consumidor OAB Foz do Iguaçu. Professor de Direito Civil e Direito do Consumidor. Graduação em Direito pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Mestrado pela PUCPR e Doutorado pela UNIOESTE. luismiguel@advogadosbbs.com

2 Advogada. Pós-graduada em Direito do Trabalho e Processual do Trabalho pela UNICURITIBA (2019) e graduada em Direito pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (2015). Mestranda do PPG em Sociedade, Cultura e Fronteiras da UNIOESTE. dayartmann@gmail.com

INTRODUÇÃO

Partimos do princípio, a título introdutório, de que o sentimento dominante na sociedade performática do pós-moderno, agora, é o de um tipo de incerteza na cena cotidiana motivada pela perda de referenciais sólidos e o desejo, por isso mesmo, de viver poeticamente (*carpe diem!*). A mudança estrutural da esfera pública, conforme expressão de Habermas (1984), transforma, também, o contexto urbano, nestas duas primeiras décadas do século XXI, e, ao mesmo tempo, fragmenta as manifestações culturais de classe, gênero, raça e nacionalidade que, até o advento da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XX, nos tinham fornecido sólidos posicionamentos como indivíduos. Performance e cultura, portanto, não são termos cristalizados.

Dentro desse cenário pós-moderno (com mais ou menos consenso) observamos, com Canclini (1995) o fato de que nos pautamos (para usar um jargão jornalístico) por uma ordem de discurso (termo caro a Foucault) refletindo, justamente, sobre esse estado de espírito. Consideramos que, a partir de uma análise também empírica de performances das chamadas tribos urbanas, estas que se reúnem por afinidades eletivas, há uma possibilidade de avançar neste território complexo que é o imaginário cultural da cidade e da performance das tribos pós-modernas. As identidades pessoais também mudam, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um sentido de si estável é chamada, em muitas análises, de “descentramento” do sujeito (HALL, 1999).

Também com Canclini, “[...] ironia, distância crítica, reelaboração lúdica são três traços fecundos das práticas culturais modernas em relação aos desafios pré-modernos e à industrialização dos campos simbólicos” (1998, p. 114). E complementa, afirmando que “[...] continua havendo desigualdade na apropriação dos bens simbólicos e no acesso à inovação cultural, mas não mais sob a forma polarizada entre dominadores e dominados” (CANCLINI, 1998, p. 97). Temos de levar em consideração o fato de que, conforme Teixeira Coelho, “[...] a cidade é a primeira e decisiva esfera cultural do ser humano” (2008, p. 9). E esse dado, no nosso entender, fomenta a reflexão de Canclini sobre, entre outros tópicos, o hibridismo em sua trajetória acadêmica de grande importância para o entendimento desta época.

A formação de identidades pela mídia no cenário urbano é um dos temas mais emblemáticos ou complexos neste século XXI e assunto recorrente, também, nos estudos de cunho antropológico de Canclini. A tese de Canclini (1995) de que a mídia, por meio de seus comunicólogos, fomenta nossas identidades pela representação do cenário urbano ou do imaginário cultural, merece, no nosso entender, ser melhor investigada. Buscaremos, assim, por considerarmos necessária a pesquisa empírica em toda reflexão, uma abordagem de Canclini convergente com os imaginários culturais e performáticos urbanos a partir da sua ideia de construções de posição. Canclini pontua a importância de uma reflexão sobre a cultura e seu interesse pelos imaginários materiais e simbólicos da cidade.

Podemos ver com Canclini, semelhante ao pós-moderno em Maffesoli (2014), do qual trataremos mais adiante, o fato de “[...] o popular não se define por uma essência *a priori*” (CANCLINI, 1998, p. 23). Para Canclini, de início, há uma corrente de pensamento, na qual ele mesmo se inscreve,

que vê as cidades em tensão. Esse tensionamento é uma de suas reflexões sobre a qual nos debruçaremos a partir daqui e que emerge em vários de seus trabalhos, entre eles “Consumidores y ciudadanos” (1995), “Diferentes, desiguais e desconectados” (2015) e “Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade” (1998). Vemos, a partir do ato performático, uma estreita relação entre o imaginário cultural urbano do pós-moderno sob o enfoque do hibridismo e dos sentidos de bens materiais e simbólicos.

Isso pelo fato de que, junto com subsídios conceituais canclinianos do debate em torno da heterogeneidade cultural, temos, em grande parte, para não dizer em sua totalidade, a performance inspirada, também, pela mídia e redes sociais. O sujeito, hoje, no pós-moderno, encontra-se em um paradoxo em termos de sujeição-subjetivação, conforme uma linha de estudos tanto do imaginário quanto do pós-estruturalismo, que, por sua vez, coloca em debate a temática do poder na ideia do discurso e da identidade. Isso nos remete a outra noção do pós-moderno, na concepção maffesoliana, que é a de *presenteísmo* – viver o paroxismo, aqui e agora. “O tempo se contrai no espaço. Em síntese, o que passa a predominar é realmente um *presente* que eu vivo com terceiros, num determinado lugar” (MAFFESOLI, 2004, p. 27).

O Projeto da Modernidade tinha o anseio de romper com tudo o que vinha antes, trazendo uma ideia de liberdade e inovação, diferentemente do pós-moderno, com sua percepção diferente do contexto “positivista”, pois não apresenta o rompimento total, mas sim alternativas de formas de interpretar o passado. O pós-moderno está associado à decadência dos ideais e valores ocidentais. Dessa forma, a sociedade pós-moderna não teria, a exemplo de um Projeto da Modernidade, valores rígidos para seguir, e isso traz como consequência a fluidez das identidades. O pós-moderno, condição atual e de mudanças rápidas, traz como uma de suas características a fluidez “líquida”, conforme Bauman (2001), das identidades e da sociedade. Nela há um caráter de diversidade, onde vários estilos, pensamentos e ideias convivem sem regras claras e pré-definidas.

A discussão acerca do tema da performance reúne, aqui, autores do pós-moderno, preferencialmente. Por isso, faz-se necessário discutir o caráter de ruptura do Projeto da Modernidade com o pós-moderno. Este, basicamente, dá lugar à leveza, à queda – para o melhor e o pior - de valores tradicionais, muitas vezes impostos (muito se fala do patriarcado), e se distancia dos paradigmas convencionais. O tempo é o da possível convivência, do ponto de vista cotidiano, entre o passado e o presente. De acordo com Teixeira Coelho (2008), o nível de importância dos valores mudou e, com isso, as identidades se mostram cada vez mais instáveis na definição do eu. “A ideia contemporânea (para não dizer pós-moderna) de autoria não será mais, sem dúvida, a do século XIX. Será, mesmo assim, uma ideia de autoria” (COELHO, 1995, p. 157).

Se por um lado o sujeito tem liberdade para questionar valores, por outro ele não tem referências fortes ou uma base psicologicamente sólida e estável. A falta do caminho certo e único que possuía no Projeto da Modernidade pode levar o sujeito a se perder em meio a tantas opções de identidades. E a dinâmica da fluidez dessas identidades acompanha a fluidez do pós-moderno. A questão das identidades e das identificações é analisada por Maffesoli (2000), segundo o qual, no primeiro caso, a relação se dá de forma direta com os valores do Projeto da Modernidade (asépsia, moralismo, ideologia, progresso). Enquanto no segundo, o das identificações, a relação se dá,

primeiramente, com as características do pós-moderno: hedonismo, erotismo, ambiguidade, complexidade.

A identidade, apesar das incertezas e do desapego, também constrói novos hábitos, cria novas culturas e novas formas de relacionamento, mantém a expectativa de novas experiências e redescobertas e, apesar da falta de alicerce, o indivíduo sempre tem a possibilidade de relembrar quem ele foi no passado. Para Maffesoli (2000), o tribalismo é o vetor do pós-moderno. A tribo, essa “ambiência comunitária” (2000, p. 15), acaba, nos termos maffesolianos, em “paradigma estético” (2000, p. 15). É lá, no grupo fechado, que o indivíduo se reconhece, que se torna o Eu. Não deixa de ser um dado paradoxal, mas que acaba afetando a forma de agir. Em outro texto, agora sobre o “presenteísmo”, Maffesoli afirma que a “[...] vida cotidiana, em sua mesclagem e em seus aspecto mais banal, é rica de imprevistos e aberta a múltiplas potencialidades (1984, p. 27).

Temos aí uma característica do performático no cotidiano pós-moderno, algo que, ainda com Maffesoli, poderíamos relacionar ao imaginário, no sentido de que justificaria aquilo que Maffesoli designaria como “[...] minúsculas situações da vida cotidiana” (1984, p. 64).

A INVENÇÃO DO COTIDIANO

Uma obra decisiva para o entendimento do termo performance, aqui, e do caráter emblemático que adquiriu hoje essa cultura na sociedade da mídia e do pós-moderno é, sem dúvida, “A invenção do cotidiano”, de Michel de Certeau. Sabemos que, para ele, cotidiano é partilha e, ao mesmo tempo, aquilo que nos oprime. Isso porque essa relação é uma forma de perceber o espaço-tempo dentro de características complexas. Outra reflexão decisiva na linha do trabalho de Michel de Certeau (2014) é o seu argumento da invisibilidade como aquilo que deve orientar o historiador – mas aqui preferimos investigador – do cotidiano. Vemos em Certeau, Canclini e Maffesoli algo como o performático como – e este termo é de Teixeira Coelho – uma “tessitura de paradoxos” (2008, p. 13).

Já vimos em outro momento, rapidamente, o *decentered subject* (“sujeito descentrado”), de Stuart Hall (1999), que segue a linha oriunda dos Estudos Culturais de Birmingham, na Inglaterra, para nossa análise sobre os imaginários cotidianos de matriz cancliniana e maffesoliana. Para Hall (1999), existe uma fragmentação do indivíduo uno do Projeto da Modernidade. O encontro se dá por afinidades performática de um “tribalismo pós-moderno” (Maffesoli, 2014). Esse é atual o processo de construção da identidade que observamos com vários desses autores. Segundo Hall (1999), o indivíduo não tem apenas uma identidade coesa e fixa, mas sim múltiplas características que variam de acordo com o contexto – as performances – e com o momento em que se vive.

Outro autor pertinente para a investigação sobre performances é Michel Foucault, principalmente quando analisa o fato de que o poder não pode ficar centrado em um único ponto, mas abrange todos os aspectos da vida: “[...] se demorar nas meticulosidades e nos acasos” (1979, p. 19). Isso é o que ele irá chamar de uma biopolítica. Também Foucault, em “As palavras e as coisas”, reflete sobre a analogia, que, no nosso entender, converge com o imaginário cotidiano porque “[...] assegura o maravilhoso afrontamento das semelhanças através do espaço, mas fala de ajuntamentos, de liame e de juntura” (1999, p. 29). Paradoxo, na verdade, entre o indivíduo e a massa, como de resto de toda dialética, nos parece ainda mais claro quando Foucault afirma que “[...] semelhança impõe vizinhanças que, por sua vez, asseguram semelhanças” (1999, p. 25).

Obra clássica dos estudos de comunicação, “Dos meios às mediações”, de Jesús Martín-Barbero, fala, no capítulo quatro, da cultura como espaço hegemônico. A nós o que interessa, especificamente, é, neste artigo sobre performances, “[...] o sentido mesmo do tempo, a relação dos homens com o tempo enquanto duração na qual se inscreve o sentido do trabalho, da religião e seus discursos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 91). Gilbert Durand, por sua vez, ao propor um estudo antropológico do imaginário, salienta que “[...] a imagem simbólica é *transfiguração* de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato” (1988, p. 15). Ora, não é o caso mesmo dos meios e das mediações, da cultura e da mídia? Isso porque percebe-se algo nisso de epifânico que o signo, por se dirigir apenas ao sentido, e não ao sensível, desconsidera.

É por causa da televisão, mas não só dela, que Jean Baudrillard, outro ensaísta do pós-moderno, faz a crítica, justamente, da sociedade de consumo. Estritamente falando, Baudrillard está longe de ser pós-moderno como o são, por exemplo, um Derrida e um Maffesoli. Porém, sem tomar um rumo classificatório, o pós-moderno do autor de “Tela total” (2002) e do clássico “Simulacros e simulação” (1991) soa com algum pessimismo. Tudo não passa de uma ilusão, segundo ele. Baudrillard utiliza a ironia para criticar uma sociedade massificada, revelando paradoxos e contradições sociais. Ao contrário de Maffesoli, que mostra o que está aí (sem julgamentos), Baudrillard tem a pretensão – que não é um traço muito pós-moderno – de desmascarar o que considera uma farsa, com base no conceito de simulacro: tudo é reapropriação.

Vemos com Morin, por outro lado, que a estrutura da vida passa por uma lógica ternária: ordem, organização e desordem. Para Morin (1991), um pensamento mutilador produz ações mutiladoras, por isso a complexidade está ligada à mistura entre ordem, organização e desordem: a degradação e a desordem também dizem respeito à vida. Complexidade, na visão de Morin, é palavra-problema (e não palavra-solução). É a incerteza no meio de sistemas ricamente organizados. Por que “palavra-problema”? Porque admite o “contraditório”, uma forma de pensamento contrária ao paradigma da simplificação, considerado reducionista. A prática científica, na opinião de Morin, deveria ser “dialógica”, isto é: manter a dualidade no seio da unidade e associar, ao mesmo tempo, o seu contrário ou termos antagônicos que se complementam.

Uma lógica *performática* permeia o universo imaginário no pós-moderno. Se no Projeto da Modernidade, que prevaleceu nos dois últimos séculos, vivia-se o *drama* das soluções possíveis, hoje não: sensibilidades inclusivas estão em jogo, sem que, necessariamente, as anteriores tenham sido eliminadas. Este artigo, pois, pontua essa diversidade de *mundivisões*, como no caso das performances, por parte de alguns pensadores contemporâneos, considerando, quem sabe a partir de um imaginário, como essa relação entre o *constructo* e a fruição do presente, aqui e agora. Trata-se de uma compreensão poética do real, no sentido de se incorporar nesta metodologia a instabilidade, o dinamismo e um pensamento débil (VATTIMO, 2016). O núcleo é a extremidade e a razão é sensível.

Uma metodologia hermenêutica das performances, como procuramos aqui, inscreve-se, ainda, na linha de reflexão de uma Teoria da Interpretação a partir de Gianni Vattimo “A interpretação não é a descrição feita por um observador neutro; ela é evento dialógico do qual os interlocutores saem transformados” (VATTIMO, 1991, p. 50). E é a performance, a mídia, as tribos pós-

modernas e o cotidiano que tornam a temática do “positivismo”, esse que prevalecera no Projeto da Modernidade, obsoleta.

Outro autor que trazemos para justificar a relação do cotidiano com o performático é Georg Simmel. O conceito de “vida”, em Simmel, é semelhante ao que Maffesoli chama de não-racional, mas diferente de irracional. Quando Simmel fala da *coqueteria*, por exemplo, ele quer dizer com isso que há uma forma de atração que não se dá pela via de um objetivo específico senão em sua forma de “jogo” (2006, p. 72). Para Simmel, o coquetismo é “[...] um comportamento que oscila entre o sim e o não, sem marcar uma posição definitiva” (2006, p. 73). O *coquetismo*, assim, é uma questão - e isso Simmel destaca pontualmente - que não se explica apenas pelo lado fisiológico de uma pessoa, mas pelo jogo do “faz de conta” (2006, p. 71). Aqui é como Simmel se refere ao “[...] mundo artificial da sociabilidade” (2006, p. 71).

CONCLUSÕES

A performance de indivíduos é uma das características do tribalismo pós-moderno. Somos sujeitos inseridos na cultura, somos limitados por leis que nos fazem, muitas vezes, renunciar ao nosso verdadeiro desejo. Somos levados a consumir. Analisando toda transição cultural na sociedade, vimos o “ser” como função estereotipada, “o ter de ser”, conformidade ou modelo. Há quase um século as pessoas já repetiam modos e regras. A partir das interações individuais, podemos fazer referência a certas regras e costumes colocados em relevo pelas normas de comportamento. Um traço da performance. A cultura civilizatória nos impõe que os comportamentos, conforme o modelo do Projeto da Modernidade, sejam considerados normais. Mas o pós-moderno está aí, questionando esses valores que se restringiam ao risco zero e ao progresso.

Não seria exagero dizer que o pós-moderno, junto com o performático, é referência quando se fala de uma fenomenologia do imaginário baseada no cotidiano. Maffesoli insiste em dar importância para o imaterial, à aura e ao não-racional nas relações sociais. Outra questão interessante na obra dele é que o Ocidente não teria se rendido apenas ao trabalho árduo para ter, como recompensa, um futuro melhor. Não. Maffesoli acredita em um estar-junto societal. Para nós, é o performático. Ou seja, a vida que se cristaliza no instante, em tribos pós-modernas: um instante mágico, afirmativo. Este instante é a marca do pós-moderno. No Projeto da Modernidade, porém, o mito prometeico (trabalhar para colher os frutos) assumia um papel de destaque, o de um sujeito institucionalizado e racional.

Na direção oposta, o mito dionisíaco do pós-moderno valoriza a exacerbação dos afetos, o orgiástico e o tribalismo. Grupos se juntam com objetivos afetuais. A tribo é fechada, mas solidária. Uma das principais noções de Maffesoli para justificar essa possível mudança de paradigma, se ficarmos com Thomas Kuhn, é a de “religação”, para dar conta de uma forma específica e orgânica de laço social marcado pela efervescência tribalista (1997, p. 41). Para Maffesoli, a ordenação política do Projeto da Modernidade não é mais a mesma hoje. No pós-moderno, verifica-se uma “pulsão”, sem dar ao termo um caráter psicanalítico, para a “[...] abstenção, astúcia, ironia, inversão carnavalesca e ainda muitas outras modulações” (MAFFESOLI, 1997, p. 99). Ou, para finalizar, ainda com Maffesoli, percebemos na performance um caráter estético, “aquilo que me faz experimentar sentimentos, sensações e emoções com os outros” (MAFFESOLI, p. 128).

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- _____. **Tela total**. Mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores y ciudadanos**. Conflictos multiculturales de la globalización. Miguel Hidalgo (México): Editorial Grijalbo, 1995.
- _____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- _____. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.
- COELHO, T. **Modernopósmoderno**. Modos&versões. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- COELHO, T. **A cultura e seu contrário**. Cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- _____. **O tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades e massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAFFESOLI, M.
- MAFFESOLI, M. **Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- VATTIMO, G. **Adeus à verdade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

